

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

LEONARDO BONATOI/DIVULGAÇÃO/JC

ARTES CÊNICAS

Adaptado de livro de Jeferson Tenório, espetáculo *O Averso da Pele* estará em curta temporada no Teatro Simões Lopes Neto

A GEOGRAFIA INVISÍVEL DA PELE NEGRA

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

Existe uma geografia invisível que se desenha no interior de cada indivíduo - um espaço recôndito onde moram os afetos mais profundos, imune aos olhares externos e às marcas impostas pelo mundo. É justamente sobre a preservação dessa intimidade e sobre a busca dolorosa por origens que se debruça a adaptação teatral de *O avesso da pele*. Após três anos circulando pelo País com temporadas lotadas e filas de espera, o espetáculo paulista retorna à cidade onde sua narrativa se enraíza.

A convite do Multipalco Eva Sopher, a montagem idealizada e produzida pelo Coletivo Ocutá fará três apresentações no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089), com sessões nesta sexta-feira e sábado, às 20h, e no domingo, às 18h. Ingressos à venda no site do Theatro São Pedro, com preços entre R\$ 17,50 e R\$ 120,00. A temporada conta com acessibilidade em Libras e audiodescrição na sessão de sábado, além de kits de acolhimento sensorial para pessoas neurodivergentes disponíveis na bilheteria.

A força da encenação nasce da convergência entre rigor acadêmico e vivência artística. À frente da direção está a socióloga, atriz e diretora Beatriz Barros. Formada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), Beatriz traz uma trajetória no teatro de grupo paulistano que começou ainda na juventude. “Quando me chamaram para dirigir a peça, eu já tinha uma trajetória dentro da arte-educação, das ciências sociais e do meio teatral”, destaca. Para a diretora, esse acúmulo de saberes formais e informais fundamentou uma prática de encenação aberta à mediação e à construção coletiva.

Inspirada no romance homônimo de Jeferson Tenório, vencedor do Prêmio Jabuti, a montagem começou a ser gestada em 2020. Ao entrarem em contato com a obra, os atores Alexandre Ammano, Bruno Rocha, Marcos Oli e Vitor Britto - quatro artistas negros - reconheceram na trama o espelhamento de suas próprias vivências. O grupo convidou Beatriz para trazer um olhar feminino atento à cena contemporânea e com embasamento socioantropológico, iniciando um processo

criativo que durou três anos.

A transposição da literatura para os palcos exigiu um minucioso trabalho dramaturgico, assinado por Beatriz em parceria com Britto, que também faz a assistência de direção. Especialista em adaptações literárias, ela descreve o processo como um exercício constante de seleção. “A gente tem que fazer escolhas narrativas que mantenham uma fidedignidade com a filosofia, com o pensamento, com o fluxo da obra, ao passo que também possibilite a nossa perspectiva coletiva artística”. Para delimitar a estrutura da peça sem perder a essência do livro, o grupo estabeleceu três pilares centrais: o aprofundamento da relação entre pai e filho, a denúncia do racismo estrutural e do genocídio de corpos negros na sociedade brasileira, e a reflexão sobre a precarização da educação.

Ambientado em Porto Alegre na década de 2000, o espetáculo acompanha a jornada do personagem Pedro. Após o assassinato de seu pai, Henrique - um professor de literatura morto em uma desastrosa abordagem policial -, o jovem adentra o apartamento do pai e utiliza os objetos ali



LEONARDO BONATOI/DIVULGAÇÃO/JC

presentes como ponto de partida para reconstruir a trajetória, as fraturas existenciais e a memória de Henrique. O espetáculo elucida não apenas questões de paternidade preta, mas os caminhos que levam ao afeto e à redenção. Essa busca ecoa o célebre trecho da obra de Tenório: “É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina o nosso modo de estar no mundo... Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos”.

No palco, a encenação adota uma linguagem épica em que os quatro atores se alternam continuamente entre os papéis, fazendo com que todos vivenciem a condição de pai e de filho em diferentes momentos. Essa busca pela síntese estende-se à cenografia, onde o objeto livro é o elemento centra. “A narrativa, o ator

contando uma história, já evoca imagens por si só. E essa construção de imagens não exige necessariamente a materialização daquilo que é narrado”, sinaliza Beatriz. “Como é uma adaptação literária, optamos por seguir essa estética a partir da relação com os objetos livros, que compõem a poética do espetáculo.”

Para a equipe do Coletivo Ocutá, retornar à capital gaúcha representa um reencontro de forte apelo emotivo. “É sempre muito emocionante voltar e apresentar em Porto Alegre. Não só por ser uma cidade com a qual criamos toda uma relação afetiva com o Jeferson, com a família dele e com essas histórias a que nos debruçamos há três anos, mas também por ser a cidade que compõe o livro”, destaca a diretora. “Vejo uma perspectiva extremamente política na nossa feitura artística e é uma benção poder conversar no palco com as pessoas de uma cultura que nós também estamos retratando”, conclui.